

MUSEU ESCOLAR: PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E ENSINO.

Interculturalidade e diversidade nas ações educacionais

Maria Helena N. Romero¹

Marta Rosa Borin²

RESUMO

Este texto tem como objetivo demonstrar a relevância e as potencialidades do Memorial do Colégio Manoel Ribas, enquanto ferramenta e recurso pedagógico, para a produção do conhecimento e o ensino da história e memória institucional, a partir de uma análise do potencial pedagógico dos documentos do acervo, procurando recuperar as dimensões de vivências e as memórias (recordações e lembranças) dos alunos do Colégio, enfatizando a historicidade, a autoestima, a cidadania e identidade cultural do Colégio, dos estudantes e comunidade escolar. Com essa ação educativa, acredita-se estar contribuindo com a construção do conhecimento, a divulgação da história do Colégio Manoel Ribas e a valorização desse espaço como patrimônio da cidade e região. E, por outro lado, ao participar dessa atividade, espera-se que os jovens se percebam como agentes sociais da comunidade escolar e o quanto é importante conhecer, preservar, conservar e valorizar o patrimônio que lhes pertence, pois o museu e o conjunto de elementos que compõem seu acervo são os “lugares de memória” e devem ser compreendidos como espaços de reflexão, ensino e produção de conhecimento.

Palavras – Chave: Educação Patrimonial, Memória, Memorial.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo demonstrar a relevância e as potencialidades do uso didático-pedagógico do acervo do Memorial do Colégio Manoel Ribas, como ferramenta construtora da história e ensino. A partir de uma análise dos documentos escolar do acervo do Memorial, procura-se recuperar as histórias, memórias e vivências na Instituição de ensino.

Atualmente, o tema referente à Educação Patrimonial e a preservação do Patrimônio Histórico e Cultural das escolas está cada vez mais presente nos debates e nas ações de Instituições de ensino públicas e privadas. Tal tarefa

¹ Mestre em Patrimônio Cultural/UFSM, Especialista em História do Brasil/UFSM. Professora do Colégio Estadual Manoel Ribas/Santa Maria - RS. romeromariahelena@gmail.com

² Doutora em História pela UNISINOS, professora do Programa de Pós-graduação em História, Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural – Mestrado Profissional, professora do Departamento de Metodologia do Ensino, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria/Brasil, Orientadora. mrborin@gmail.com

envolve atividades lúdicas ampliando o conhecimento do passado e das relações sociais e as formas de preservação desse passado (Bittencourt, 2011, p. 277).

Esta nova postura das escolas e dos professores tem contribuído para a (re) descoberta da história institucional, fortalecendo os vínculos e a identidade da sociedade com suas instituições. O ensino patrimonial tem como objetivo principal conscientizar sobre a importância que o Patrimônio Cultural possui para as novas gerações, principalmente no que se refere à formação de uma memória social local e regional, sem exclusões e discriminações. Concomitantemente, a Educação Patrimonial, a pesquisa e a produção do conhecimento estão entre as funções e objetivos do Museu a divulgação, pois, o conhecimento sobre um bem cultural, agrega sentido a sua preservação (Chagas, 2003, p. 25).

As atividades pedagógicas desenvolvidas no Museu visam contribuir com a instituição de ensino e, ao mesmo tempo, oferecer alternativas culturais para a comunidade não escolar. Espontaneamente, o museu torna-se um espaço no qual a sociedade participa, vivencia experiências e tem oportunidades de rever sua vida social e o patrimônio passa ter um significado especial.

Museus, Memória e Educação Patrimonial

O Museu é visto como um lugar de possibilidades, formativas e educativas, superando-se assim, a antiga noção de espaço passivo, de acúmulos de objetos para então, assumir uma função interpretativa da cultura, da memória, na educação e no fortalecimento da democracia (IBRAM, 2018, p.13, 17). Durante as décadas 1970/80 avançou e se fortaleceu a ideia do museu como um local com especificidade e forma própria de desenvolver sua dimensão educativa (MARANDINO, 2008, p. 11,12). Atualmente, já não se tem dúvidas que os museus sejam importantes espaços de socialização, debates e trocas de saberes e experiências, onde se “constituem e fortalecem as memórias individuais e coletivas – a memória social” (PINHEIRO, 2015, p. 58). Tanto que em 2001, o estatuto do ICOM³ define os Museus, destacado seu caráter educativo:

³ Conselho Internacional de Museus, órgão da Unesco, que reuni os profissionais da área da Museologia, em todo o mundo.

Uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade. (IBRAM, 2018, p.13).

Nesse sentido, em recente pesquisa divulgada no Caderno da Política Nacional de Educação Museal, realizada pelo IBRAM, é reafirmada a necessidade de ações educativas nos museus:

O amadurecimento dos museus e a crescente conscientização acerca da importância de sua função social têm se traduzido na valorização de sua natureza educativa. O Ibram acredita ser fundamental que cada vez mais instituições voltem suas atenções para as potencialidades da educação em museus, indispensável na mediação com os públicos e suas memórias (IBRAM, 2018, p.7).

No caso dos Museus Escolares, conforme Alves (2016, p. 141 e 142) no Brasil o termo não é muito conhecido. No texto “Política Nacional de Museus” em 2003, encontra-se referência ao museu escolar em meio a outros museus, “Estímulo e apoio à participação de museus comunitários, ecomuseus, museus locais, museus escolares e outros”. Mais recentemente, os museus escolares voltam a ser valorizados através do “Programa Mais cultura na Escola”, lançado em 2013. O programa foi um esforço e iniciativa conjunta do MEC e Ministério da Cultura.

As experiências educativas em museus escolares, ainda são pontuais no Brasil, não sendo valorizadas como alternativa para inovar e facilitar a aprendizagem, como o é caso da informática (ALVES, 2016, p. 138). Os Museus Escolares “fazem e ou fizeram parte da cultura escolar dos estabelecimentos a que encontram ou encontravam vinculados. Considerados guardiões da cultura material do estabelecimento de ensino” (ALVES, 2016, p. 138). A Constituição Federal de 1988, garante à todo cidadão brasileiro os direitos culturais, quando coloca no Art. 216: “portadores de referência à identidade, à ação, à memória” (Brasil, 2003). Conforme a citada autora, os museus escolares devem ser pensados sob a ótica dos direitos culturais.

O Museu como espaço de aprendizado não formal, conforme Paulette Mcmanus (2013) é anterior à educação formal, hoje consolidada, e uma prerrogativa humana para se alcançar um desenvolvimento adequado e normal. No sistema formal de ensino, a criança quando inicia sua aprendizagem não escolhe o que quer

estudar, é a escola que define, antes do surgimento das instituições de ensino, porém, predomina o aprendizado não formal, onde o aprendiz, ao lado do mestre, observa e aprende. O museu é um espaço para onde, hoje podemos trazer o nosso próprio conhecimento e aprender com o que está lá. No percurso da nossa vida é nos ambientes informais que aprendemos a maioria das coisas, e o museu é um espaço onde se pode ter a livre opção de se chegar lá e aprender (Mcmanus 2013, p.22). Assim, justifica-se a reflexão sobre o Memorial do Colégio Manoel Ribas, pois ele abriga valioso acervo de objetos, fotografias e documentos escritos que retratam o cotidiano escolar.

No Brasil, os primeiros museus, surgem no início do século XX, voltados a coletar, catalogar e estudar os vários elementos do mundo Natural e Cultural do país. Com o tempo começam os encontros, seminários e outros eventos para debater o tema da Educação em Museus. O Seminário Regional Latino-Americano da UNESCO, realizado em 1958, no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, suscitou a reflexão do papel educativo dos Museus. A partir daí, tal tema começa a consolidar-se no Brasil e no mundo e, o conceito de museu vai se ampliando, passando então, a ser também “compreendido como um espaço de educação para auxiliar nas atividades do ensino formal e como ferramenta didática, ou seja, uma espécie de extensão do espaço da escola” (IBRAM, 2018, p.13). Com a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972, e a influência das ideias e teorias de Paulo Freire sobre a educação como prática de liberdade e conscientização, e as ações dentro do museu como ferramentas de construção da identidade e de cidadania. A partir da consolidação da sua função educativa os museus se tornam locais reconhecidamente com especificidade e forma própria de desenvolver sua dimensão educativa, “Identificados como espaços de educação não formal, essa caracterização busca diferenciá-los das experiências formais de educação, como aquelas desenvolvidas na escola, e das [...] informais, [...] no âmbito da família” (MARANDINO, 2008, p. 11,12). De acordo com Pinheiro (2015) os Museus possuem importante função social:

Atualmente, é inegável a função social que exercem os museus, sobretudo, se os entendermos como espaços de sociabilidade, fórum de debates, de trocas de saberes, experiências, práticas, afirmação de identidades; [...]; lugares educativos, que se constituem e fortalecem as memórias individuais e coletivas – a memória social; os museus, nos diversos territórios, forjam os vínculos das pessoas umas com as outras, são lugares de interlocução comunitária, [...]. Os museus, enquanto equipamentos culturais devem estar a serviço do conhecimento, da melhora da qualidade de vida das pessoas (PINHEIRO, 2015, p. 58).

Ao longo do século XX e, principalmente, com o debate suscitado pela Nova Museologia, se “Fortaleceu a visão dos museus, enquanto instrumento de ação social transformadora e se fortaleceu, também, a importância das exposições e das ações educacionais como veículos dessa transformação” (MARANDINO, 2008, p. 8,10). Assim, as discussões promovidas pela Nova Museologia, nas décadas de 1970/80, auxiliaram a superar a antiga ideia do Museu como um “local de coisas velhas” e passa a ter uma função de socialização de ensino-aprendizagem e de diálogo com o passado. O caráter pedagógico dos museus reside nas suas possibilidades educativas, que precisam dialogar com os espaços de educação formal (Sander, 2006, p. 6). O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) define os Museus como:

Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (IBRAM).

Este artigo busca, também, destacar a necessidade e as possibilidades de preservação do patrimônio tendo a educação como um componente constitutivo de avaliação e salvaguarda da memória, acionado os benefícios educacionais para a criação de pensamento crítico a respeito da construção patrimonial, assim como seu entendimento e preservação. A preservação do patrimônio nasce da necessidade da criação de espaços de memória que Nora (1993, p.13) chama de “os marcos testemunhas de outra era”, que guardem a memória e ao mesmo tempo mantém sua salvaguarda. Esses lugares são criados e mantidos pelas instituições, como os Museus, Arquivos, Monumentos, entre outros lugares de memória que “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, [...]” (NORA, 1993, p.13).

Segundo Ramos (2004) os Museus são importantes espaços para o ensino de história e, propõe que a Educação Patrimonial seja trabalhada a partir de um “objeto gerador”, baseado na teoria da “palavra geradora”, ideia elaborada por Paulo Freire, desenvolvendo-se, assim, uma pedagogia do diálogo com os visitantes. É fundamental o exercício de um olhar crítico sobre o objeto enquanto patrimônio, pois o desafio em uma exposição é que ela não seja vista apenas como se olha uma vitrine. É “necessário criar movimentos de alfabetização do olhar” (RAMOS, 2004, p. 70). É a alfabetização museológica, ou seja, alfabetizar a partir do acervo do Museu, exposições e objetos, relacionando-os ao cotidiano do visitante:

[...] alfabetização museológica pode ser o trabalho com objetos geradores. Em sala de aula, no museu, [...], o professor [...] faria uma pesquisa e escolheria objetos significativos para os alunos [...], e a partir daí realizaria exercícios sobre a leitura através dos objetos selecionados (RAMOS, 2004, p. 32).

Com o olhar posto nos objetos e a partir deles, pode-se revisitar a história, o acontecido, percebendo, assim, a função do objeto dentro do Museu, pois “a noção de historicidade começa a ser trabalhada de modo mais direto: entra em jogo a questão da história como campo de possibilidades” (RAMOS, 2004, p. 35). Sendo assim, é fundamental contextualizar o objeto ao apresentá-lo aos visitantes. Os objetos que estão sendo apresentados e estudados, mesmo que não sejam mais de uso atual, contêm em si a memória, podendo promover diálogos com a historicidade dos objetos do acervo:

Ao trabalhar com os objetos através de problemáticas históricas, o museu abre um infindável campo de possibilidades. [...] os exercícios com os objetos geradores definem-se como formas de estudar a historicidade (RAMOS, 2004, 38).

O Patrimônio Histórico Cultural, expressa o valor histórico de um grupo, ele guarda a memória dos mesmos, através de seus bens, que podem ser materiais (tangíveis) ou imateriais (intangíveis). Esses bens ligam as pessoas aos seus antepassados, preservando a memória, a história e a identidade de tal grupo. Por isso, é fundamental a salvaguarda (proteção) desses bens, é eles que asseguram a “continuidade, divulgação e preservação, com a intenção de assegurar, para as

gerações futuras, conhecer o passado, as tradições, a história, os costumes, a cultura, a identidade de seu povo” (BORIN; JOSÉ, 2016, p. 24). No caso do Memorial do Colégio Manoel Ribas, ele possui um acervo de documentos, jornais, vestuários, maquinários, fotografias e móveis, entre outros vestígios da história da Escola, dos alunos, de populares, bem como de muitos agentes sociais. Dessa forma, “As atividades educativas que o museu oferece ao público têm por objetivo aproximar a comunidade mediante atividades pedagógicas lúdicas e de interesse coletivo” (BORIN; JOSÉ, 2016, p. 19).

A Educação Patrimonial, conforme (HORTA ET AL., 1999, p. 6) é um processo contínuo e sistemático de ação educativa, possui como fonte primária o Patrimônio Cultural, e produz conhecimento enriquecedor, apropriação e valorização da herança cultural dos indivíduos ou coletividade, por meio da experimentação e convívio, ela “busca levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural [...]”. A origem da expressão Educação Patrimonial, é inglesa (Heritage Education) denota um trabalho de alfabetização cultural, “que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido”. Esse processo de conhecimento do mundo eleva a autoestima e valorização da diversificada cultura dos brasileiros. Reconhecimento e valorização requerem conhecimento da história e cultura ensinada, e políticas educacionais e pedagógicas de valorização da diversidade e de conhecimento do patrimônio ao público, “cada produto da criação humana, utilitário, artístico ou simbólico, é portador de sentidos e significados, cuja forma, conteúdo e expressão devemos aprender a ler ou decodificar” (HORTA ET AL., 1999, p. 9). Em fim, a Educação Patrimonial propicia habilidades de interpretar os objetos e fenômenos culturais, ampliando a capacidade de compreender o mundo,

Memorial do Colégio Manoel Ribas: história e ensino

O Memorial do Colégio Manoel Ribas, o “Memorial do Maneco”, como é conhecido, é mantido pelo Estado do Rio Grande do Sul a partir dos recursos do Colégio. Tem como missão preservar o patrimônio histórico-cultural do Colégio, da Viação Férrea do Rio Grande do Sul e da cidade de Santa Maria. Espaço dedicado à preservação

da história e memória, também abriga um patrimônio com acervo relacionado ao Colégio e a História da Educação Estadual. Pode-se definir o Memorial como sendo um espaço de memória permanente de uma Instituição de ensino, neste caso uma escola pública, em que se preserva e estuda a história institucional e ensino de sua trajetória.

Figura 1 – Interior do Memorial do Colégio Manoel Ribas



Fonte: Arquivo Fotográfico do Memorial do Colégio Manoel Ribas, 2018.

Por ocasião do processo de restauração do prédio do Colégio Manoel Ribas, no final da década de 1990, iniciaram-se as atividades de organização do Memorial. Aos poucos, o seu acervo foi se constituindo. Sua inauguração ocorreu no mês de outubro de 2003, ocasião em que o Colégio completava cinquenta anos. O Memorial do Maneco está cadastrado no Sistema Municipal de Museus de Santa Maria (SMMSM).

Este espaço cultural, aberto ao público como lugar de pesquisa, de produção de conhecimento e de Educação Patrimonial, preserva um acervo que remonta à história da Escola Feminina de Artes e Ofícios Santa Terezinha, composto de livros,

jornais, fotografias, maquinários, documentos escolar, mobiliários, indumentárias, entre outros, que demonstram a história da educação.

O Memorial do Colégio Manoel Ribas está inserido num prédio, tombado como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado – IPHA no ano de 2000.

Figura 2 - Colégio Estadual Manoel Ribas, Década de 1970.



Fonte: Arquivo Fotográfico do Memorial do Colégio Manoel Ribas.

Considerações finais

Pesquisar a história do Colégio Estadual Manoel Ribas como valor memorável, por si só possui relevância, pois a Escola está vinculada à história da Viação Férrea do RS, à cidade de Santa Maria e região, buscando conhecer a história e o cotidiano escolar e, que o acervo do Memorial, seja uma ferramenta didática pedagógica para o ensino.

E, assim, contribuir para que os jovens estudantes e demais visitantes do Memorial, desenvolvam a percepção e o pensamento crítico, propiciando experiências e contato direto com bens materiais como fotografias, documentos, roupas escolar, moveis, maquinários etc. E, por outro lado, conhecer o patrimônio imaterial do Colégio como festas cívicas, formaturas, comemorações, entre outros

eventos que fizeram parte do Calendário escolar da época, procurando provocar nos alunos uma atitude positiva, de valorização e de conservação dos bens culturais que fazem parte da memória e história da Instituição.

O Colégio é reconhecido como Patrimônio Cultural, ele não é somente uma edificação, ele representa às memórias individual e coletiva, permeadas de sentidos que vai além do edificado. Assim, ter como objeto de pesquisa um acervo sobre a história do século XX, em âmbito local e regional, relacionados à Ferrovia, à educação, à cultura, à política, ao cotidiano escolar e por outro lado, poder utilizá-lo como uma ferramenta pedagógica, capaz de produzir nos jovens sentimentos de pertencimento e assim, percebam-se como agentes sociais da comunidade escolar e o quanto é importante conhecer, preservar, conservar e valorizar o patrimônio que lhes pertence, pois o museu e o conjunto de elementos que compõem seu acervo são os “lugares de memória” e devem ser compreendidos como espaços de reflexão, ensino e produção de conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

BORIN, Marta R.; JOSÉ, Vivian. A. S. (Orgs.). **Educação Patrimonial: ações educativas**. Tubarão: COPIART, 2016. (Programa Mais Educação).

BLOCH, Marc. **Apologia da História** ou o Ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. Tradução: André Telles.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2014. Tradução de Maria Letícia Ferreira. I ed., 2ª reimpressão.

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Q. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Museu Imperial; IPHAN, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 2013.

MACMANUS, Paulette. **Educação em Museus: Pesquisas e Práticas**. In: MARANDINO, Marta; MONACO, L. (Org.). São Paulo: FEUSP, 2013, p. 20-30.

MARANDINO, Marta (Org.). **Educação em Museus: a mediação em foco**. São Paulo, SP: Geenf/FEUSP, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v.10, n.10, 1993, p. 7-28.



PINHEIRO, Áurea da Paz. Patrimônio Cultural e Museus: por uma educação dos sentidos. Revista: **Educar em Revista**, Curitiba, nº 58, p. 55-67, out./dez. 2015.

SANDER, Roberto. O Museu na perspectiva da educação não formal e as tendências políticas para o campo da museologia. Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo. 2006.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2ª ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Francisco Lopes. **A Danação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

ROMERO, Maria Helena N. **Memorial do Colégio Manoel Ribas** e o planejamento museológico. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria. (PPGPPC/ UFSM). 2017.